

## A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DO PELOURINHO

CARLOS OTT, PROFESSOR DE ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA

Estou terminando um livro para a DPHAN com o título *O Pelourinho da Bahia e suas Igrejas (Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; Passo e São Domingos)*. Como em todos os outros livros que escrevi, nos últimos anos, para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o tema principal sempre é a história da arte na Bahia; contudo, no decorrer das pesquisas sempre aparecem assuntos de ordem etnológica e social. Se quiséssemos pesquisar assuntos deste gênero, seria difícil encontrar documentos suficientes para uma monografia desta ordem. Reunindo, porém, os elementos esparsos ao longo do caminho de uma pesquisa sobre a evolução artística, a interpretação etnológica sempre permite elucidar problemas importantes. Não é sem razão que alguns etnólogos estudam apenas a história da arte de um povo para acompanhar sua evolução cultural. É o que estamos fazendo, desde vinte anos, a serviço da DPHAN. Ainda não está publicada muita coisa devido à inflação galopante dos últimos anos; mas já se deu à luz um livro sobre a Santa Casa e monografias sobre dois fortes e um pintor. Outros três livros e uma monografia estão esperando pela publicação, para falar apenas de trabalhos entregues à DPHAN.

No presente artigo quero realçar o papel das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário na aculturação dos negros na Bahia. Já que estas irmandades de gente de cor eram compostas quase exclusivamente de analfabetos, seus arquivos são paupérrimos. O da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho é dos mais ricos em papéis velhos. E já que encontrei outros documentos importantes sobre esta irmandade em outros arquivos, pude reconstituir a construção de sua igreja e acompanhar a aculturação dos seus irmãos mais do que isso seria possível em outras irmandades desta invocação.

Até hoje não está estudado o papel social das irmandades baianas. Entretanto, já possuímos conhecimentos bastante amplos sobre sua contribuição positiva ou negativa na evolução da arte na Bahia. Quando observamos certo atraso cultural na decoração das igrejas baianas, sempre há a tendência de atribuir a culpa disso aos artistas que trabalharam na Bahia e não tinham passado por escolas profissionais. Verificamos, porém, em muitos casos que cabe freqüentemente maior culpa aos me-

sários de uma irmandade ou de uma ordem terceira, por ter dado proteção a determinado artista de terceira ou quarta categoria, desprezando artistas de segunda categoria, por falta de cultura suficiente. Quando isto aconteceu em irmandades grã-finas, como na Santa Casa ou nas ordens terceiras, nas quais não entrava gente de côr, ficamos admirados de a igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho apresentar uma das fachadas mais bonitas entre as igrejas baianas, chegamos à conclusão que aconteceu uma coisa destas não devido à intervenção dos mesários na construção, mas porque deram plena liberdade aos profissionais, sabendo não possuir cultura suficiente para impor sua opinião particular. Eram analfabetos e não o negaram; os outros, pensando saber ler e escrever, já lhes dava o direito de se improvisar em arquitetos, pintores e escultores. Cultura mediana é maior inimigo para o progresso cultural e científico do que nenhuma cultura. É o que observamos todo o dia.

Os irmãos da igreja do Rosário do Pelourinho não tinham complexos de superioridade cultural, pois vieram do Congo e de Angola ou eram filhos de escravos baianos ou crioulos. São os compromissos antigos da irmandade e seus Livros de Irmãos que nos informam bastante minuciosamente sobre estes detalhes. Aparecem entre os irmãos alguns poucos sudaneses, mas apenas gege, nenhum nagô. Um dos irmãos e mesário da irmandade, no tempo em que fiz a pesquisa na igreja do Pelourinho, o Sr. Tibúrcio Luiz Souto, ainda me informou que os nagôs entravam na irmandade do Senhor da Redenção da igreja do Corpus Christi, na Cidade Baixa.

Os irmãos da igreja do Pelourinho tinham, porém, complexos de inferioridade cultural, não somente no que dizia respeito aos brancos, mas também em referência aos seus irmãos sudaneses. Ainda hoje em dia observamos a absorção paulatina dos candomblés bantos pelos sudaneses. Esta remonta aos tempos antigos e deve ter contribuído a proibir a negros sudaneses entrarem em sua irmandade. Os compromissos só nos transmitem os fatos, mas não as razões de seus parágrafos referentes a esta segregação cultural.

Antigamente, o funcionamento de candomblés era ilegal. Conhecemos muitos documentos que falam de batidas da polícia nos terreiros clandestinos existentes no Cabula e em outros bairros afastados.

Mas não era proibido aos negros se reunirem em irmandades, em igrejas. A maioria destas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, reservadas à gente de côr, funcionavam, porém, em altares laterais de matrizes ou de igrejas de conventos. Não tinham salas próprias para as suas reuniões; sempre se sentiam observados. Já estavam cansados de verem atrás de si, durante a semana toda, a fisionomia de um feitor; queriam ver-se livres dos olhos vigilantes de um fiscal, ao menos no domingo. Por isso, o sonho de cada irmandade desta gente de côr era conseguir capela própria para não serem fiscalizados em suas reuniões e poderem conversar à vontade.

E não podia ser de outro modo, pois os escravos, ao serem embarcados na África ou desembarcados na Bahia, eram batisados. Não recebiam, porém, nenhuma instrução religiosa; nenhum capelão entendia a sua língua. Só se transformavam em cristãos devido à influência do novo ambiente cultural, processo lento que só conseguia alguns resultados visíveis na segunda ou terceira geração, raríssimas vezes na primeira. A Irmandade de Nossa Senhora do Pelourinho era mais composta de irmãos nascidos na Bahia do que na África; e foram evidentemente os primeiros, os crioulos, que mandavam e desmandavam na irmandade. O elo de união de todos era o rosário, mas não tanto como meio de orientar as suas orações e sim como amuleto. Em todas as missões africanas observa-se até hoje a rápida transformação do rosário cristão em amuleto. Gostam de usá-lo, pendurado no pescoço; dá-lhes o aspecto de serem católicos, quando são puros pagãos. Nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário na Bahia colonial deu-se a mesma coisa.

Foi sob esta camuflagem que os antigos Irmãos de Nossa Senhora do Rosário, que funcionavam, desde 1604, na Sé, conseguiram sair de lá e fazer sua capela própria no Pelourinho, entre 1703-1704. Foi uma igreja modesta, mas própria.

Admira que o governo permitisse que os negros se estabelecessem no Pelourinho junto ao quartel do Castelo das Portas do Carmo, onde residiam vinte soldados sob a chefia de um oficial; defendiam a entrada da Cidade, neste lado, com cinco canhões e outras armas mais modestas. José Antônio Caldas, em 1759, desenhou a fachada e a planta baixa deste castelo. Era um lugar estratégico de primeira categoria. Os baianos não se lembravam mais que, apenas 80 anos antes, muitos negros passaram para o lado do invasor holandês e faziam serviços de espionagem para eles. Os boatos de novas invasões estrangeiras pairavam no ar, durante todo o Séc. XVIII. Mas os crioulos já eram cidadãos de toda a confiança; e eram eles que mandavam na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário quando esta resolveu fazer sua igreja junto das Portas do Carmo, como naquele tempo se chamava o Pelourinho.

Foram também os crioulos que organizaram a construção da capela nova. A irmandade era pobre, apesar de algumas economias feitas durante anos para conseguir sua própria capela; mas a compra do terreno levará a maior parte destas economias. Entretanto, a irmandade era rica em gente forte de músculos hercúleos. Era só entusiasamá-los para uma obra dessas e ela seria feita.

Como sabemos por um documento de 1726, por conseguinte apenas 23 anos depois de feita a construção, quando as coisas ainda estavam bem impressas na memória de todos, eles carregavam nas próprias cabeças as pedras brutas que arrancavam nas pedreiras do Taboão, então ainda em uso. Em noites de luar subiam e desciam fileiras de negros suados, cantando melodias cristãs, e africanas. Seus ombros estavam cansados pelas fadigas do dia a serviço de seu patrão. Mas de dia faziam trabalho forçado, de noite trabalho livre; e este não cansava. É uma cena

digna de inspirar um pintor ou um poeta, para pintá-la e descrevê-la. Temos pinturas dessas dos tempos góticos europeus, quando os paroquianos faziam questão de cada um carregar ao menos uma pedra que entrasse na construção de sua matriz. Lá era o espírito religioso que inspirava tais sacrifícios; aqui não creio tenham sido os motivos os mesmos. Estes escravos ainda não eram cristãos. Ainda acreditavam na reincarnação das almas na geração seguinte. Queriam fazer uma casa de reuniões para si e para os seus filhos. Não seria tanto igreja, mas casa; queriam conversar à vontade com seus irmãos de côr. Não queriam rezar, conversar com Deus, no sentido cristão. Ainda não eram cristãos e faziam uma igreja cristã. É um dos paradoxos da história, mas são freqüentes. E devemos sabê-los interpretar. Queriam um terreiro fechado, um *craal* africano para ouvirem as palavras de seus maiores e para falar aos outros quando chegasse a sua hora. Queriam seu candomblé, embora, por fora apresentasse as formas de uma igreja católica. Alguns crioulos já pensaram nisso, mas a maioria, cultural e religiosamente, ainda estavam vivendo na África e desejavam matar as saudades dela.

Não creio que os donos mais severos e desconfiados aprovassem estas liberdades que se davam aos escravos. Muitos criticavam esta política que lhes parecia demasiadamente liberal. Uma igreja própria podia-se transformar num centro de revolta; e os trabalhos noturnos na sua construção facilitavam a fuga de escravos. É possível terem acontecido tais casos. Entretanto, não devem ter sido freqüentes, pois de outra maneira o govêrno se veria obrigado a intervir. Mas não temos notícia de tal intervenção.

Quando, em 1718, foi desmembrada da paróquia da Sé a nova freguesia do Passo e os novos paroquianos, por falta de matriz, apoderaram-se da capela de Nossa Senhora dos Pretos do Peulourinho, muitos donos de escravos devem ter aplaudido esta medida e tomado parte na invasão. O Governador do Brasil, o Conde de Sabugosa, não foi, porém, desta opinião. Que os pretos do Pelourinho tiveram coragem de se dirigir ao Rei, queixando-se desta invasão injusta, mostra que tinham do seu lado algumas pessoas de influência política que lhes encaminharam o requerimento na Côrte. E quando, segundo a praxe, êste requerimento passou pelas mãos do dito Governador, êle se pronunciou a favor dos mesários da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho e contra os paroquianos do Passo. E de fato êstes últimos foram obrigados a edificar sua própria matriz. Que houve muita oposição disfarçada dos paroquianos contra a decisão do Conde de Sabugosa, mostra o fato de terem protelado mais dez anos o início da construção da matriz do Passo. E mesmo quando, em 1736, começaram com as obras, os trabalhos se arrastaram por vários anos e não se devem ter mudado para a nova matriz antes de 1740.

De qualquer maneira, neste caso venceu a justiça social. Se os paroquianos do Passo tivessem conseguido protelar o caso por mais um ano, provavelmente não precisariam mais construir matriz própria, pois o sucessor do Conde de Sabugosa, o Conde das Galveias, não tinha con-

ceitos de justiça social, como seu antecessor; ameaçou os mesários da Irmandade de Nossa Senhora da Soledade com o desterro para Angola, se não cedessem o uso da capela-mor desta igreja por êles construída às freiras instaladas pelo padre jesuíta Malagrida no nôvo Convento da Soledade. E se os mesários de irmandades de homens brancos eram tratados assim, quanto mais os de homens de côr.

Mas não era tanto o Governo que resolvia os problemas sociais e raciais; era muito mais a população moderada. Esta sabia que dependia da boa ou má vontade dos escravos. Por isso, era prudente conservá-los bem dispostos, dando-lhes algumas liberdades e colaborando na sua igreja.

Evidentemente, foi um mestre branco que lhes fêz as plantas necessárias, dando-lhes gratuitamente a orientação indispensável na construção. A semelhança da planta básica da igreja do Rosário do Pelourinho com a da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco faz pensar em dependência. Justifica-se a suposição por ter sido o mestre carpinteiro Gabriel Ribeiro o orientador dos Pretos do Pelourinho, pois êle construiu a igreja dos ditos terceiros, entre 1702-1703; e a de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho foi edificada, entre 1703-1704, na sua primeira forma de capela modesta, sem a fachada pomposa e as tórres, atualmente existentes. Muitos pedreiros e carpinteiros de côr que ainda trabalhavam nas últimas obras da Ordem 3.<sup>a</sup> de São Francisco, de tardinha vinham levantar as paredes, fazer o telhado, as portas e janelas da sua igreja no Pelourinho. Gabriel Ribeiro estava metido no comércio dos escravos; ajudando a lhes construir uma igreja, êle descarregava seus remorsos de consciência por causa daquele comércio desumano.

Assim, a edificação dêste templo do Rosário do Pelourinho ajudou a aproximar as classes sociais, até então separadas e hostis. A religião freqüentemente representa êste papel conciliador nas lutas sociais.

Os irmãos escravos evidentemente contribuíram com seus óbulos para a construção e conservação de sua igreja. E só havia necessidade de pagar parte do material empregado, pois recebiam muitos restos de outras obras e a mão-de-obra não se pagava; era executada pelos próprios irmãos. Assim também muito branco contribuiu com restos de tábuas de andaimes e outros materiais abandonados na edificação da igreja dos pretos. As primeiras portas e janelas eram provisórias; mas no decorrer dos anos foram substituídas por outras de madeira de lei. Os primeiros altares foram improvisados; mais tarde foram fabricados outros com cedro e suas obras de talha douradas.

A capela era pequena. Mas, tendo adquirido novamente os plenos direitos sôbre ela, por volta de 1740, os irmãos não demoraram a planejar acréscimos, juntando tostões a tostões. Levaram quarenta anos em juntar as economias modestas mas eficientes. Por volta de 1780 acharam um mestre-de-obras de recursos, Caetano José da Costa, que lhes fêz a nova fachada, na qual estavam incluídos os dois corredores laterais, anteriormente inexistentes, e as tórres. As economias dos irmãos não deram

para estas obras suntuosas. Mas a irmandade já tinha crédito na praça. O dito construtor não hesitou em aceitar as dívidas restantes em prestações anuais de 200\$000, o que ia levar 18 anos, tudo ratificado por uma escritura pública. Os pretos tiveram assim a sua bela fachada e o mestre-de-obras, Caetano José da Costa, imortalizou-se com êste frontispício, evidentemente desenhado por sua mão.

Não encontramos dentro da igreja grandes obras de arte e, o que admira, nenhuma influência de arte africana, como se podia esperar, principalmente na escultura, em que os pretos de Benim, da Costa de Guiné e dos Camarões eram mestres. Devemos lembrar-nos, porém, que justamente daquelas regiões os negros não entravam na irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho, a não ser esporadicamente. A única escultura valiosa existente na sacristia da irmandade, na forma de um crucificado bem trabalhado, pode ter saído das mãos de um escultor crioulo, pois os documentos conservados não nos revelam seu autor. Mas tais crucifixos freqüentemente eram dados por benfeitores; e em tais casos é impossível descobrir seu escultor. Que os escultores africanos, mas principalmente os sudaneses, colaboraram muito no feitiço de imagens existentes em igrejas baianas, não resta dúvida. Entretanto não influenciaram a escultura baiana com elementos caracteristicamente africanos. Ainda não era chegada a hora de ser apreciada a escultura africana pelo homem branco. E aos escultores de origem africana que trabalhavam nas oficinas de santeiros baianos não lhes davam liberdade artística nenhuma; colocavam apenas nas suas mãos imagens da arte lusitana para serem copiadas pois isto eles sabiam fazer melhor do que os oficiais brancos. Estes últimos gostavam de procurar formas novas, impelidos pelo espírito irrequieto europeu; os outros "faziam o nôvo pelo antigo", conforme um provérbio africano. Quando o modelo era perfeito, a cópia saía perfeita das mãos do africano, mas freqüentemente imperfeita das mãos de um escultor europeu. Razão suficiente para um mestre dar preferência a oficiais de côr.

Igualmente ainda não estava amadurecido o tempo de se mandar pintar madonas pretas com caraterísticos raciais africanos, como hoje em dia se faz. Por isso, os mesários da igreja do Pelourinho encarregaram o mestre pintor José Joaquim da Rocha de lhes pintar Nossa Senhora do Rosário no teto da sua nave. Era um pintor que cobrava preços muito moderados; e se alguém "chorava" muito (e os negros sabiam "chorar"), êle fazia o trabalho de graça.

Nos assuntos tratados nos azulejos que enfeitam a igreja e a capela de Nossa Senhora das Dores, também não aparece nenhuma influência africana na escolha dos temas. Ainda estavam na fase da imitação servil da cultura de seus donos. Sabiam que qualquer tentativa dessas seria sufocada desde o início. E foi tanto esta atitude mental como a pobreza da irmandade que são as causas da decoração modesta do interior da igreja do Rosário do Pelourinho. Um outro fator da pobreza da decoração ainda foi a pobreza cultural dos mesários. Em outras igrejas baianas,

mais cedo ou mais tarde, surgiu um chefe de irmandade de maior cultura, tanto leigo como padre, que substituiu o engenheiro de decoração, inexistente na Bahia. Numá irmandade de gente de côr, não entravam pessoas brancas; ainda eram fortes os preconceitos raciais. É só estudar os montões de papéis velhos, existentes na Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo desta Cidade do Salvador, com o título *Inquirições*; e não se contestará o que afirmamos.

De qualquer maneira, a primitiva capela de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho, no decorrer dos anos, foi transformada numa igreja respeitável, como se tinham transformado em libertos os irmãos, antigos escravos, anteriormente açoitados no pelourinho, defronte da igreja, porque tinham fugido para a liberdade do mato, agora trabalhando como mestres pedreiros e carpinteiros independentes nas construções que rodeiam a praça. A própria Praça do Pelourinho transformou-se; quando no Século XVIII, ainda era a praça dos castigos, no Século XIX, na coluna dos açoites apenas se afixavam as leis municipais. "Tempora mutantur et nos mutamur in eis" (os tempos mudam e nós mudamos com eles), reza uma inscrição de um azulejo existente no Convento de São Francisco desta Cidade do Salvador.

Os homens passam, os monumentos ficam. A igreja do Rosário do Pelourinho é antes de tudo um monumento artístico; mas é também um monumento da aculturação do negro na Bahia.

#### **THE BROTHERHOOD OF OUR LADY OF ROSARY OF BLACK PEOPLE AT PELOURINHO**

*In the article published under this title the Author's aim was to emphasize the rôle of the religious associations of Our Lady of Rosary within the acculturation of the Negroes of Bahia. However, his interest concentrated in the congeneric Brotherhood of Pelourinho with site in the Rosário dos Pretos do Pelourinho Church, a traditional square in Salvador City. After having referred to the construction of the temple in 1703-1707, the Writer reports some episodes about the brotherhood that maintained it. He specifies its remodeling and making of its works of art. He finishes by emphasizing the transformation that both the temple and the association underwent when the Negroes got their liberty from the status of slavery in the XIXth century.*

#### **LA CONFRÉRIE DE NOTRE-DAME DU ROSAIRE DES NÈGRES AU PELOURINHO**

*Dan l'article publié sous ce titre, l'Auteur cut pour but de rehausser le rôle des confréries religieuses de Notre-Dame du Rosaire dans l'acculturation des Nègres à Bahia.*

*Cependant, son intérêt est concentré sur la confrérie congénère du Pelourinho, siégée à l'église du Rosário dos Pretos do Pelourinho, place traditionnelle de la ville du Salvador. Après se rapporter à la construction du temple, en 1703-1707, l'Autour raconte des épisodes sur l'histoire de bâtiment religieux, ainsi que de la confrérie qui le soutenait. Il en énumère les remodelations et l'exécution des chefs-d'oeuvres. Il termine en faisant ressortir la transformation que le temple, ainsi que la confrérie, ont subie lorsque les Nègres obtinrent leur liberté du status d'esclaves, au XIX<sup>e</sup> Siècle.*